

Alguém escreveu na lousa
 Do rico Moura Pamonha:
 — Deixou a fortuna aos doidos
 Depois de vender maconha.

Na sepultura comum
 Da devota Florisbela:
 — Morreu fazendo jejum,
 Comendo numa panela.

Não largues ao bem-querer
 A construção do futuro.
 No relógio da paixão
 Não há ponteiro seguro.

“Seguro morreu de velho”,
 Diz o rifão popular,
 Mas faleceu de preguica
 Com medo de auxiliar.

A ENXADA

Com febre alta, o velho Zé da Hora
 Limpa a roça no Sítio da Chapada,
 Treme, cai... De repente não vê nada,
 Tudo escuro no campo, terra afora.

Tanto tempo serviu. Mas Zé agora
 Tem a cabeça branca e fatigada;
 Morre o sol, vem a noite, e ao pé da enxada,
 De mão no peito aflito, reza e chora.

Zé larga o corpo e, Espírito liberto,
 Pede luz e eis que a luz surge de perto;
 Tropeçando, levanta-se... Quervê-la...

Mas cai de novo em pranto de alegria:
 A enxada do seu pão de cada dia
 Brilhava convertida numa estrela.

Inveja em torno? Desculpa.
 Todo o despeito de alguém
 E' quase sempre louvor
 Áquilo que não se tem.

A luta pior da vida
 E' aquela de se manter
 Uma luta com quem luta
 Sem ter nada que perder.

Independência real
 Tem muito que obedecer.
 Quem deseje liberdade
 Que se escravize ao dever.

Muito herói parece quadro
 Composto de traço incerto
 Que só pode ser louvado
 Se não é visto de perto.

CONFORTINHO

Nada punha preceito em Zé do Zote,
 Nem remédio, nem reza, nem mandraca...
 De pequeno comeu jaratataca
 E trazia a lombeira no cangote.

Só vivia na rede ou no capote.
 Tinha zonzeiro em pé, cabeça fraca,
 Tangolomango, sarna, urucubaca,
 Agarrado no truque e no calote.

Foi à sessão espírita... Às ocultas,
 João pincha o nome dele entre as consultas,
 Pedindo um confortinho à Irmã Ciana.

E veio escrito assim no documento:
 — "Zé do Zote precisa é movimento,
 Numa enxada, seis dias por semana..."